

Crescimento agrícola favorece o consumidor

por Marcos Magalhães
de Brasília

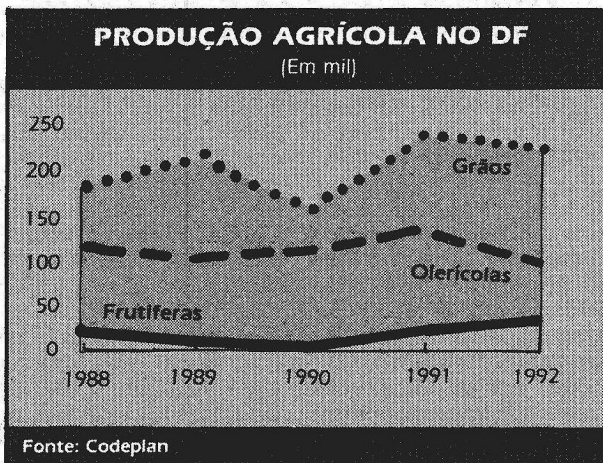
Uma experiência inédita de desregulamentação começa a dar frutos em Brasília. Produtos como carne, leite e seus derivados passaram, nos últimos dois anos, a ser beneficiados por associações de fazendeiros na periferia da capital, depois que a responsabilidade pela fiscalização de sua fabricação deixou de ser da União e passou a ser do próprio Governo do Distrito Federal.

A implantação de 21 matadouros regionalizados, 51 estâncias leiteiras e 14 indústrias artesanais de alimentos já levou à criação de 365 empregos no campo. Mais importante do que isso, abriu caminho para que centenas de produtores locais ocupem um espaço antes restrito a grandes indústrias de outros estados.

Se o produtor pode obter maiores lucros com a verticalização, os consumidores também poderão lucrar com a concorrência. Novos pequenos e médios estabelecimentos deverão colocar cada vez mais produtos no mercado, garantindo uma opção ao pequeno número de grandes fabricantes que atualmente dispõem de uma posição dominante.

A desregulamentação destina-se também a combater a produção clandestina. Das 4.000 toneladas de carne vermelha consumidas mensalmente no Distrito Federal, nada menos que 2.800 provêm de abates que não são fiscalizados. A situação chegou a esse ponto porque as exigências antes impostas a um pequeno produtor para legalizar seu abatedouro eram as mesmas cobradas de grandes empresas exportadoras.

Anteriormente elaboradas



pela União, agora as normas são estabelecidas pelo governo local, que procura incentivar a criação de associações e cooperativas de produtores. Dessa forma, um grupo de fazendeiros pode adquirir equipamentos simples e baratos, tanto para o abate de cabeças de gado quanto para o beneficiamento de leite.

A fiscalização local também começa a incentivar a produção de frangos e de embutidos. Tanto que já aumenta a área destinada ao plantio de milho. A instalação do primeiro moinho do Distrito Federal, em fase final de acabamento na cidade-satélite de Planaltina, funciona, por outro lado, como um estímulo ao crescimento do plantio de trigo.

“A tendência local é a diminuição do plantio de soja e o aumento da área destinada ao milho e ao trigo”, aposta o secretário de Agricultura, Francisco Monteiro Guimarães. Para ele, o único caminho possível à expansão da atividade rural na capital federal é a verticalização.

Até o momento, no entanto, a soja ainda é o carro-chefe da economia rural do

Distrito Federal. Dos 77,2 mil hectares plantados neste ano, 49 mil destinaram-se a ela. As 106 mil toneladas colhidas representam, também, quase a metade da produção total de grãos no período. O milho chegou em segundo lugar, com 80 mil toneladas colhidas em 1994.

A maior parte das hortaliças consumidas pelos habitantes de Brasília já é plantada a poucos quilômetros da cidade. E legumes como cenouras são enviados de avião a cidades distantes como Manaus. Em tudo isso existe o dedo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que tem no Distrito Federal centros de pesquisas para os cerrados e para o desenvolvimento de hortaliças.

A produtividade alcançada pelos agricultores da capital muitas vezes supera a média nacional, com o auxílio dos conhecimentos transmitidos pela empresa. São colhidos 2164 quilos de soja por hectare em Brasília, ante 2135 quilos no país como um todo. Por sua vez, a produtividade de milho alcança 3987 quilos por hectare, enquanto a média nacional se resume a 2533 quilos.